

Identidade de gênero e orientação sexual

A esta altura, você educadora ou educador pode estar se perguntando: o que determina a orientação sexual de uma pessoa? É uma opção, uma doença ou uma orientação sobre a qual não se tem controle? Leia abaixo para se familiarizar com as opiniões correntes sobre o assunto.

Falamos em identidade de gênero para nos referirmos à maneira como alguém se sente, se identifica, se apresenta para si e para os demais e como é percebido/a como “masculino” ou “feminino” ou, ainda, uma mescla de ambos, independente tanto do sexo biológico quanto da orientação sexual.

A cultura ocidental moderna privilegia a diferença sexual como suporte primordial e imutável da identidade de gênero. Segundo este ponto de vista, as distinções anatômicas expressariam uma grande linha divisória que separaria homens e mulheres (...)

Já vimos neste curso que as convenções relativas ao gênero podem variar segundo a cultura, a classe social e o momento histórico. A cultura ocidental moderna privilegia a diferença sexual como suporte primordial e imutável da identidade de gênero. Segundo este ponto de vista, as distinções anatômicas expressariam uma grande linha divisória que separaria homens e mulheres, concebidos, nesses termos, como corpos, como sujeitos fundamentalmente diferentes e, assim, destinados a abrigarem e a desenvolverem emoções,

atitudes, condutas e vocações distintas. Isto explicaria que a decisão de alguém de romper com essa suposta determinação do sexo biológico, empreendendo uma transição do masculino ao feminino ou vice-versa, cause escândalo e gere violência e perseguição.

Os *Princípios de Yogyakarta*,¹ documento de referência internacional que vem sendo amplamente utilizado nas discussões sobre os direitos relativos à vivência da sexualidade, destacam: *Compreendemos por identidade de gênero a profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos.*

A distinção radical e absoluta entre homens e mulheres coloca-se como parâmetro da normalidade no que se refere ao gênero, adaptando qualquer ambiguidade corporal e

¹A íntegra dos Princípios de Yogyakarta pode ser consultada em português em: http://www.sxpolitics.org/mambo452/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=12&Itemid=2

formando condutas coerentes com o ideal do casal heterossexual reprodutor. Homens “normais” devem se sentir “masculinos”, e mulheres “normais” devem se sentir “femininas”. Tudo aquilo que foge a esse parâmetro de normalidade tende a ser considerado “desvio”, “transtorno”, “perturbação”. Assim, homens afeminados, mulheres masculinizadas, **travestis** (pessoas cujo gênero e identidade social são opostos ao do seu sexo biológico e que vivem cotidianamente como pessoas do seu gênero de escolha), **transexuais** (pessoas que se identificam com um gênero diferente daquele que lhe foi imposto a partir do momento de seu nascimento, a ponto de muitas delas – mas nem todas – desejarem e efetuarem modificações corporais radicais, como no caso da cirurgia reparadora de mudança de sexo) e **intersexuais** (que apresentam sexo biológico ambíguo no nascimento) são exemplos de “desviantes” em relação à norma de gênero. As palavras “**transgênero**” ou “trans” são usadas por algumas pessoas para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais como sujeitos que realizam um trânsito entre um gênero e outro.

A expressão “identidade de gênero” foi utilizada primeiramente no campo médico-psiquiátrico justamente para designar o que estas disciplinas consideravam “transtornos de identidade de gênero”, isto é, o desconforto persistente criado pela divergência entre o sexo atribuído ao corpo e a identificação subjetiva com o sexo oposto. Nos últimos anos, outros campos da ciência, bem como as próprias pessoas que se identificam como travestis, transexuais, transgêneros, trans ou intersexuais, têm retomado esse conceito, seja para questionar a perspectiva que avalia tais variações como patologias, seja para reivindicar direitos relativos ao reconhecimento social da identificação com o sexo assumido pela pessoa, quando a aparência e os comportamentos são diferentes daqueles esperados para o sexo atribuído no nascimento com base nas características anatômicas.²

Orientação sexual refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje, são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a **heterossexualidade** (atração afetiva, sexual e erótica por pessoas de outro gênero); a **homossexualidade** (afetiva, sexual e erótica por pessoas do mesmo gênero); e a **bissexualidade** (atração afetiva, sexual e

*O historiador **Thomas Laqueur** argumenta que as transformações políticas, econômicas e culturais ocorridas no Ocidente no século XVIII criaram o contexto para que se estabelecesse a visão contemporânea sobre os sexos, compreendendo-os como totalmente distintos. Segundo Laqueur, o ponto de vista que predominava até então, construía os corpos masculino e feminino como versões hierárquicas, mas complementares, de um único sexo: o corpo feminino era considerado uma versão inferior e invertida do masculino, mas era reconhecida a importância do prazer sexual feminino para que a reprodução fosse bem-sucedida. Seria no século XIX que essa visão viria a ser substituída por um novo modelo reprodutivo, que afirmava a existência de dois corpos marcadamente diferentes e de duas sexualidades radicalmente opostas, enfatizando o ciclo reprodutivo supostamente automático da mulher e sua pretensa falta de sensação sexual (Ver Laqueur, Thomas. Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001).*

² Para saber mais sobre identidade de gênero e transexualidade, veja a entrevista da pesquisadora Berenice Bento no website do Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, disponível em: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=11&inoid=586&sid=43>

Nossas maneiras de ser, agir, pensar e sentir refletem de modo sutil, complexo e profundo os contextos de nossa experiência social. Assim, a definição dos nossos objetos de desejo não pode resultar em uma simples opção efetuada de maneira mecânica, linear e voluntariosa.

erótica tanto por pessoas do mesmo gênero quanto pelo gênero oposto). O termo "orientação sexual" contrapõe-se a uma determinada noção de "opção sexual", entendida como escolha deliberada e supostamente realizada de maneira autônoma pelo indivíduo, independente do contexto social em que se dá. Nossas maneiras de ser, agir, pensar e sentir refletem de modo sutil, complexo e profundo os contextos de nossa experiência social. Assim, a definição dos nossos objetos de desejo não pode resultar em uma simples opção efetuada de maneira mecânica, linear e voluntariosa.

Na cultura ocidental moderna, outra grande linha divisória, correlacionada à diferença sexual e ao gênero, foi estabelecida para distinguir as variadas expressões da orientação sexual. Isto se deveu, em parte, às conseqüências das teorias biomédicas ocidentais do século XIX, das quais se originou a **sexologia**. Tais teorias articularam a variedade de expressões

da orientação sexual a determinadas constituições corporais, segundo preocupações políticas e morais da época, voltadas para identificar as "anomalias" e as "perversões" em termos de comportamento sexual.

Atualmente, adota-se o termo "homossexualidade" para designar a orientação sexual para o mesmo gênero, orientação esta tida como uma das formas possíveis e legítimas de vivenciar a sexualidade, sem as conotações de doença, patologia ou anomalia que o termo "homossexualismo" sugere.

Assim, aqueles e aquelas que sentiam atração por pessoas do mesmo sexo eram nomeados/as "homossexuais", como se representassem um "terceiro sexo" e um tipo especial de personalidade. O termo "homossexualismo" foi utilizado posteriormente para indicar um tipo de patologia associada aos desejos e às práticas homossexuais. Atualmente, adota-se o termo "homossexualidade" para designar a orientação sexual para o mesmo gênero, orientação esta tida como uma das formas possíveis e legítimas de vivenciar a sexualidade, sem as conotações de doença, patologia ou anomalia que o termo "homossexualismo" sugere.

O esforço de mapear as "anomalias" e de estabelecer categorias de identidade pessoal

ligadas à orientação sexual levou à imposição da heterossexualidade como a orientação sexual "natural", "saudável", "normal", desde que praticada entre adultos,

A filósofa norte-americana Judith Butler destaca o caráter compulsório da heterossexualidade e como este faz com que a cultura não admita um sujeito ser outra coisa além de um homem ou uma mulher, impondo também que a única forma legítima de amor e desejo sentidos por um homem esteja dirigida a uma mulher, e vice-versa. Butler, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

sendo ela legitimada pelo casamento e associada à reprodução.

Esta **heteronormatividade** está na base da ordem social em que meninas e meninos são criadas/os e educadas/os; está no controle a que todas as pessoas são sujeitas no que diz respeito à sua identificação como homem ou como mulher. Enquanto as disposições coerentes em relação ao que é esperado do gênero masculino e do feminino são estimuladas e celebradas em meninos/as e adolescentes, as expressões divergentes desse padrão, assim como as amostras de afeto ou atração por pessoas do "mesmo sexo" são corrigidas.³ Esta ordem produz violência contra as/os jovens identificadas e identificados como gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros, que são constantemente advertidas/os de que a sociedade não respeitará suas "escolhas". A reprodução da norma heterossexista funciona também a serviço da reprodução da dominação masculina. A masculinidade se constrói tanto em oposição à homossexualidade, quanto à feminilidade: os meninos e os adolescentes são submetidos a um controle

(...) as idéias que culminaram na noção contemporânea de orientação sexual e de homossexualidade foram inicialmente produzidas e utilizadas no campo médico-psiquiátrico.

minucioso destinado a exorcizar qualquer sinal de atração por outros meninos, assim como qualquer atitude classificada como feminina.⁴

Você deve ter observado que, assim como ocorreu com a noção de identidade de gênero, as idéias que culminaram

na noção contemporânea de orientação sexual e de homossexualidade foram inicialmente produzidas e utilizadas no campo médico-psiquiátrico. Mais tarde, essas idéias foram retomadas por outros campos do conhecimento, assim como por pessoas que se identificavam como homossexuais, para questionar seu viés patológico e para reivindicar o reconhecimento social da homossexualidade.

Desde 1974, a Associação Norte-Americana de Psiquiatria (APA) deixou de considerar a homossexualidade como distúrbio mental. A Organização Mundial de Saúde (OMS) não aceita que a homossexualidade seja considerada uma doença e, por isso, excluiu-a do Código Internacional de Doenças (CID). Em 1987, a APA aprovou que seus membros não usassem mais, como diagnóstico, códigos que patologizassem a homossexualidade. Em 1993, o termo "homossexualismo" foi substituído por "homossexualidade". No Brasil, o Conselho Federal de Medicina retirou homossexualidade da condição de desvio sexual em 1985. No entanto, essas instituições ainda consideram a transexualidade e a travestilidade como doenças. Nesse sentido, persiste uma concepção patologizada da experiência de gênero que as pessoas "trans" desenvolvem. Por isso, existe uma forte mobilização internacional, por parte de especialistas e de várias forças sociais, para retirar a transexualidade e a travestilidade do CID e do Manual de Diagnóstico e Estatística (DSM) da APA.

As principais associações científicas internacionais deixaram de classificar a homossexualidade como uma doença a partir dos anos 1970. Esse processo culminou no dia 17 de maio de

³ (Britzman, Deborah. O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 1, jan./jul. 1996

⁴ Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____, org. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-34

1990, quando a Assembléia Geral da Organização Mundial da Saúde – OMS retirou o termo e o conceito de “homossexualismo” de sua lista de doenças mentais, declarando que “a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão”. No dia 22 de março de 1999, o Conselho Federal de Psicologia do Brasil estabeleceu, por meio da Resolução nº 001/99 as “Normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual”. Elas determinam que os psicólogos não devem exercer qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem devem colaborar com eventos e serviços que proponham “tratamento” e “cura” da homossexualidade.⁵

A posição vigente hoje, do ponto de vista científico e ético que sustenta o respeito por todas/os as cidadãs e os cidadãos, é a de que a vivência da sexualidade faz parte da identidade da pessoa e deve ser compreendida em sua totalidade. Ainda segundo este ponto de vista, homossexuais, bissexuais e pessoas trans têm as mesmas possibilidades e capacidades

(...) atualmente existe certo consenso entre as ciências de que não deve haver uma explicação causal simples para a orientação sexual. (...) é importante destacar que a divisão entre homo, hetero e bi não é mais que uma classificação.

que heterossexuais para amar, estabelecer relações afetivas e criar filhos – o que equivale a dizer que essas práticas não podem ser questionadas em razão de sua homoafetividade ou da sua identidade de gênero.

A esta altura, você educadora ou educador pode estar se perguntando: o que determina a orientação sexual de uma pessoa? Há uma variedade de teorias biológicas, psicológicas e sociológicas sobre o assunto, mas não há, até agora, nenhum estudo conclusivo. Embora as especulações sobre uma determinação genética ou cromossômica da homossexualidade despertem bastante atenção hoje em dia – da mesma forma que já foram populares as teorias psicológicas sobre o “trauma de infância”, ou sobre a ausência

de uma figura parental do mesmo sexo (o pai, no caso dos rapazes, e a mãe, no caso das garotas) – atualmente existe certo consenso entre as ciências de que não deve haver uma explicação causal simples para a orientação sexual. Entretanto, para além das hipóteses sobre as supostas origens da orientação sexual, é importante destacar que a divisão entre homo, hetero e bi não é mais que uma classificação – bastante arbitrária – que não deve limitar o variado leque de alternativas e a realidade fluida de afetos, desejos, experiências coletivas e possibilidades expressivas da sexualidade.

Uma outra possível indagação, suscitada por este texto, talvez seja: a orientação sexual de uma pessoa é algo que se consolida e se fixa definitivamente em um determinado período da vida? Em muitos casos, sim. Porém, não são raras as pessoas que se “descobrem” homossexuais na maturidade ou na velhice, freqüentemente em decorrência da pressão

⁵ A íntegra da Resolução 001/99 do CFP pode ser encontrada em http://www.pol.org.br/legislacao/doc/resolucao1999_1.doc. Apesar disso, continuam a existir terapeutas e religiosos que prometem a cura da homossexualidade. Ver, a respeito, “Projeto contra homossexualidade mobiliza entidades”, em: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=11&infoid=117&sid=8>

O que se sabe é que a orientação sexual existe sem que a pessoa tenha controle direto sobre ela. Não se trata, portanto, de algo que se escolha voluntariamente ou se modifique segundo as conveniências.

social sofrida no início e ao longo da vida afetiva, fazendo com que se unissem em relações heterossexuais na juventude, assumindo depois de certa estabilidade e independência a sua condição de homossexual. A orientação sexual, então, é uma escolha? Muitos cientistas e ativistas não consideram correto, hoje em dia, referir-se à homossexualidade ou à bissexualidade como “opções”, dado que, em se tratando de escolhas, seria mais fácil “optar” pela heterossexualidade, que é aceita como “normal”, ao invés de “optar” pela homossexualidade, que é discriminada e perseguida. O que se sabe é que a orientação sexual existe sem que a pessoa tenha controle direto sobre ela. Não se trata, portanto, de algo que se escolha voluntariamente ou se modifique segundo as conveniências.

Esta constatação tem conseqüências importantes para a experiência escolar. O processo de descoberta da homossexualidade pode acontecer de modo idêntico àquele em que meninas e meninos sentem os primeiros impulsos e paixões de caráter heterossexual. Porém, o que difere é que os jovens identificados como heterossexuais podem expressar sua orientação com tranquilidade, enquanto os impulsos homossexuais precisam ser escondidos por questões de preconceito. Tanto quem se sente atraído por pessoas “do mesmo sexo” como quem não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao nascer acabam tendo que enfrentar as violências cotidianas de colegas, educadoras e educadores e de toda uma ordem institucional organizada para negar a possibilidade de se viver em liberdade qualquer sexualidade fora da norma heterossexista.

GLOSSÁRIO

Bissexual: Pessoa que tem desejos, práticas sexuais e relacionamento afetivo-sexual com pessoas de ambos os sexos.

Heteronormatividade: Termo que se refere aos ditados sociais que limitam os desejos sexuais, as condutas e as identificações de gênero que são admitidos como normais ou aceitáveis àqueles ajustados ao par binário masculino/feminino. Desse modo, toda a variação ou todo o desvio do modelo heterossexual complementar macho/fêmea – ora através de manifestações atribuídas à homossexualidade, ora à transgeneridade – é marginalizada/o e perseguida/o como perigosa/o para a ordem social. Ver o texto “Homofobia e heterossexismo” nesta Unidade.

Heterossexualidade: Atração sexual por pessoas de outro gênero e relacionamento afetivo-sexual com elas.

Homoafetividade: Termo criado pela advogada Maria Berenice Dias para realçar que o afeto é um aspecto central também nos relacionamentos que fogem à norma heterossexual. Veja: <http://www.consciencia.net/2003/06/07/homoafeto.html>

Homossexuais: Homossexualidade é a atração sexual por pessoas de mesmo gênero e relacionamento afetivo-sexual com elas.

Intersexual ou "intersex": É o termo geral adotado para se referir a uma variedade de condições (genéticas e/ou somáticas) com que uma pessoa nasce, apresentando uma anatomia reprodutiva e sexual que não se ajusta às definições típicas do feminino ou do masculino.

Orientação sexual: Refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje são reconhecidos três tipos de orientação sexual: a heterossexualidade (atração física e emocional pelo "sexo oposto"); a homossexualidade (atração física e emocional pelo "mesmo sexo"); e a bissexualidade (atração física e emocional tanto pelo "mesmo sexo" quanto pelo "sexo oposto").

Princípios de Yogyakarta: São princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e à identidade de gênero, preparados por uma comissão de eminentes especialistas em Direitos Humanos convocados pela Comissão Internacional de Juristas e pelo Serviço Internacional de Direitos Humanos, reunidos em Yogyakarta, Indonésia, em novembro de 2006. Estes Princípios tratam de um amplo espectro de normas de direitos humanos e de sua aplicação a questões de orientação sexual e identidade de gênero. Disponível em: http://www.sxpolitics.org/mambo452/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=12&Itemid=2

Sexologia: É a ciência que estuda problemas fisiológicos e psíquicos relacionados à sexualidade, geralmente associados, nesta disciplina, à idéia de um organismo potente, à existência de um impulso sexual "natural", cujo destino "normal" seria a cópula heterossexual.

Transgênero ou "trans": São termos utilizados para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais como sujeitos que realizam um trânsito entre um gênero e outro.

Transexual: Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Homens e mulheres transexuais podem manifestar o desejo de se submeterem a intervenções médico-cirúrgicas para realizarem a adequação dos seus atributos físicos de nascença (inclusive genitais) à sua identidade de gênero constituída.

Travesti: Pessoa que nasce do sexo masculino ou feminino, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo papéis de gênero diferentes daquele imposto pela sociedade. Muitas travestis modificam seus corpos através de hormonioterapias, aplicações de silicone e/ou cirurgias plásticas, porém vale ressaltar que isso não é regra para todas (Definição adotada pela Conferência Nacional LGBT em 2008).